

KANYAKUMARI,
*todo fim é
um começo*



Dizem que aqui é o fim da Índia. Mas o mar é um só, e é onde tudo começa". Foi assim que definiu o senhor que há quatro anos cuidava do altar em homenagem ao filósofo hindu Swami Vivekananda. Todos os dias ele acorda para limpar e decorar com flores frescas o espaço erguido em 1964 atrás do templo da deusa virgem em Kanyakumari, Tamil Nadu, extremo sul da Índia. É o único lugar no mundo onde três oceanos se misturam.

A viagem até Kanyakumari não aconteceu como eu imaginava. O que eu esperava era uma viagem de ônibus no calor, quem sabe parando para tomar *chai* com poeira na beira da estrada. Mas o que fiz foi viajar no banco de trás de um carro preto tipo sedan, com janelas fechadas, ar-condicionado e motorista de camisa branca e gravata. O arranjo do *bureau* de turismo do Kerala custou cerca de 25 dólares e tinha como desculpa uma visita ao palácio Padmanabhapuram, uma construção da dinastia Travancore do século 16 que permite entender como viviam os nobres hindus. Topei, menos por causa dos detalhados entalhes de madeira e mais por causa da proximidade da fronteira com Tamil Nadu. Foi como aceitar uma carona muito relaxante e confortável com parada turística no caminho. Do palácio até Kanyakumari a viagem durou duas horas. A estrada era tomada por tuk tuks e caminhões coloridos que buzinavam sem nenhum motivo aparente, atravessando pequenas cidades onde templos coloridos tinham caixas de som despejando música na rua. Eu queria parar para ver tudo, ouvir tudo, registrar tudo. Mas o motorista foi direto até a porta do hotel que eu tinha reservado pela internet, escolhido pela proximidade do templo e pelo nome promissor que sugeria vista do oceano.

Encontro o saguão do hotel tomado por uma excursão de mulheres russas usando bermudas e chapéus de sol. No check in, fico sabendo que

os quartos não têm vista para o oceano, só dá para ver o mar no terraço superior. Meu quarto é fechado por uma porta comum de madeira e uma grade de ferro trancada por um cadeado enorme. Fica bem no primeiro andar, de frente para uma mesquita e para o néon de um mercadinho. Banheiro em sistema ocidental, como prometido. Chuveiro nem tanto. Levo um tempo até entender como tomar banho usando uma torneira no meio da parede, um banquinho de plástico, um balde e uma caneca.

Kanyakumari não é fora da rota, mas não faz parte do circuito de visitantes ocidentais na Índia. Não tem Taj Mahal, não é banhada pelo Ganges, não abriga o Dalai Lama. Mas foi o lugar escolhido por Gandhi para espalhar suas cinzas e parte delas ainda estão num inacreditável mausoléu de cimento verde e rosa na beira do encontro dos mares Árabe, Bengala e Índico. É uma cidade plana, onde construções baixas resistem ao sol forte e ao vento contínuo, na ponta do triângulo invertido que é o subcontinente no mapa-múndi. Visitantes chegam para molhar os pés no encontro dos mares, homenagear o Mahatma e ver a estátua do filósofo, poeta e santo tamil Thiruvalluvar, espécie de Colosso de Rhodes hindu que domina a paisagem, com quarenta metros de altura, construída no meio do mar.

O coração de Kanyakumari é o calçadão na beira do mar, o *sangam*, onde a única coisa protegendo as pessoas do sol e do vento forte é a *mandapa*, uma construção de rocha negra onde dezenas de mulheres se amontoam, repartindo espaço, comida, bebida e cuidados com as crianças pequenas. Mais adiante estão duas minúsculas praias de areia e rocha, onde crianças e homens nadam e algumas poucas mulheres, sempre acompanhadas, molham os pés e as barras dos sáris.

Um caminho de pedra leva até um balcão com três lados, um para cada mar, com degraus que descem até a água. Casais comportados sen-

tados nos muros de rocha dão as mãos discretamente, um homem usando o *lungi* de algodão comum no sul da Índia tenta pescar com linha de nylon e jovens indianas pedem para tirar foto com a dupla de turistas gringos de pele branca, cabelos loiros e roupas cáqui.

É uma sensação surreal estar na extremidade de um continente, sozinha, tão longe de casa quanto jamais estive.



Sabia que não era a única pessoa ocidental no sangam, mas com certeza era a única mulher tatuada e de cabelo curto no espaço visível.

Mulheres e crianças sorriem dando tchau. Os vendedores são mais práticos e usam o inglês para tentar me vender qualquer coisa — Hello madam! Come see pretty sarees! Good prices!

Espero no *sangam* até perto de quatro da tarde, quando reabre o templo da Devi Kumari, a virgem dos oceanos que há milhares de anos derrotou demônios e salvou o que é bom e puro no planeta. Esse é um dos muitos templos que celebram a divindade feminina na Índia, construído há 2 ou 3 mil anos dependendo da fonte que você consultar, já que tudo o que é muito antigo na Índia não tem data certa. Dando a volta na enorme construção colorida, encontro a fila e encosto na parede. Um garoto passa de bicicleta e aponta para meus pés, calçados num imundo par de Melissa de plástico roxo brilhante. O casal atrás de mim explica: não pode entrar de sapato no templo. Nem todo mundo está descalço, mas tudo bem, guardo as sandálias na mochila junto com a câmera e o passaporte. Antes de alcançar a porta, como todo mundo, deixo a mochila e tudo o mais nas mãos de um dos guardas do templo, que joga minhas coisas numa enorme pilha

de bolsas, camisas (homens devem entrar com peito aberto), sapatos, carteiras, lancheiras escolares e chapéus.

A fila serpenteia para dentro de paredes de pedra escura e seguimos comportadamente num tipo de labirinto, na direção do calor que sempre aumenta. É meu primeiro templo na Índia e a experiência para mim é uma mistura de curiosidade e constrangimento por estar invadindo o espaço sagrado dos outros. Mas ninguém se importa com a minha presença, nem as crianças em uniforme de escola, nem os homens sem camisa, nem as mulheres com véus na cabeça. Tento olhar em volta e imitar as pessoas. O arroubo espiritual, a revelação mística e a sensação de união e pertencimento nunca vêm. Nem quando chego na frente da divindade de pedra azul, enfeitada com flores, joias e tecidos. A Devi fica atrás de um portão de ferro, cercada de peças de ouro, dentro de uma caverninha em formato de vulva. É menor e mais feia do que eu pensava, mesmo que eu não saiba bem o que imaginava. Muita gente leva joias, pequenos frascos de óleo perfumado, doces melados e dinheiro. Algumas vezes por ano, em dias de festival, a Devi, que ostenta um brilhante rubi vermelho no nariz, é retirada do templo para tomar banho. Todos os dias os responsáveis pelo templo trocam seu sári. Na frente do altar ficam dois monges que cuidam de receber e entregar as oferendas. Há quem chore, quem ajoelhe e quem fique de canto olhando — meu caso.

Fico com vergonha por não ter levado nada para a Devi. Meu dinheiro está na mochila lá fora. Me contento em ser invisível e observar, até que um dos monges faz um sinal me chamando, pinta minha testa com a mistura cheirosa de óleo e cúrcuma e me empurra para a saída. É como sair de uma sessão de cinema num domingo de sol. Fora do escuro contemplativo do templo, o barulho de



Kanyakumari, todo fim é um começo

gente falando, o vento e o sol forte de Kanyakumari seguem idênticos. Nada mudou. Sem epifania religiosa e entendendo pouco do que vi, me contento em localizar minhas coisas no meio do amontoado de sapatos, carteiras, casacos e bolsas na porta do templo. Das muitas coisas que mudariam em mim ao longo de um mês na Índia, essa foi a primeira — aprender a confiar no que não conheço.

Caminho mais um pouco sobre o *sangam*. Pessoas se amontoam no balcão do mausoléu de Gandhi e o que parece ser um aglomerado de centenas de mulheres reparte o espaço na *mandapa*. Apesar do vento, nuvens dominam o horizonte. Não seria hoje o dia para ver o sol se pôr e a lua nascer ao mesmo tempo, como dizem que acontece aqui — e só aqui — algumas vezes por ano. Penso em encerrar o dia e lembro do terraço do hotel, imaginando contemplar o céu laranja e roxo esticada numa espreguiçadeira, quem sabe com uma cerveja gelada na mão, conversando com outros turistas em inglês.

O apertado elevador de fórmica vermelha me leva para o último andar do prédio e abre na frente de uma pequena escada de cimento batido. O tal terraço é uma laje com azulejos sujos, algumas cadeiras plásticas velhas, fiação aparente e cheiro de abandono. Conformada, desço para o lobby e encontro uma placa indicando o bar do hotel. Fica no subsolo e é tão desanimador quanto o terraço: um lugar escuro, escondido atrás de cortinas sem cor, com carpete nas poltronas e mesas fixas com tampos de vidro. Mas tem ar-condicionado. Sento no balcão, do lado de um casal gringo, tentando entender e quem sabe entrar na conversa. Mas assim que o garçom aparece eles pagam a conta e desaparecem para dentro do hotel.

Sozinha no balcão, sou a única coisa interessante para o grupo de meia dúzia de caras do outro lado do bar. Enrolo a *dupatta* na cabeça, pego o caderno e evito contato visual. A tática dá certo até eu pedir

uma cerveja. Meus vizinhos de bar começaram a falar alto e gesticular na minha direção. Peço para o garçom levar a cerveja para o meu quarto.

“Onde?”

“Quarto número treze.”

“Como, *madam*?”

“Quarto treze, primeiro andar.”

“Não entendo, *madam*.”

“QUARTO NÚMERO TREZE NO PRIMEIRO ANDAR.”

Silêncio no bar. Fui com o menino garçom até a porta do quarto, peguei a bandeja com a cerveja Black Dragon e um pratinho de amendoins, assinei a conta, dei umas rúpias de gorjeta e fechei a porta de madeira, a grade de metal e o cadeado grosso.

Olho no espelho para o rosto queimado de sol, o cabelo debaixo da *dupatta*, a testa manchada de cúrcuma. Em meu *sawar kameez* e usando sandálias de plástico, achei que era só esconder as tatuagens para passar despercebida.

A Black Dragon é de longe a pior cerveja do mundo, o amendoim do pratinho está murcho e as uvas que o hotel deixou em cima da mesinha mais cedo me lembram da constante ameaça de diarreia. Tomo meu banho de balde e canequinha e escrevo páginas e mais páginas num caderno, embalada pelas preces da mesquita na rua e lembrando de tudo que tinha visto num só dia: as estradas verdes do sul do Kerala, o palácio de madeira, a excursão de crianças dentro do templo, as mulheres de sári no *sangam*, o balcão do memorial do Gandhi.

O sono não vem fácil e, quando finalmente vem, é interrompido por pancadas na porta. Ignoro, achando que é em outra porta, mas o barulho insiste. Penso que pode ser o serviço de quarto querendo pegar a bandeja e, sem abrir a grade ou a porta de madeira, pergunto quem é.

“Serviço de quarto!”

Sei. Risos do outro lado, vozes altas falando numa língua incompreensível.

“Eu não chamei ninguém, vá embora.”

Mais pancadas na porta. Então é assim que tragédias acontecem, penso. Era só abrir a porta para encontrar o tipo de problema que mulheres ocidentais não raro encontram na Índia: homens excitados com a perspectiva de uma estrangeira sozinha.

“Se vocês não forem embora, vou chamar a polícia.”

Mais risos. Mais pancadas na porta. Mais frases em língua incompreensível, mas que você não precisa traduzir para entender. Uso o ancestral telefone de botões em cima do criado-mudo para chamar a recepção.

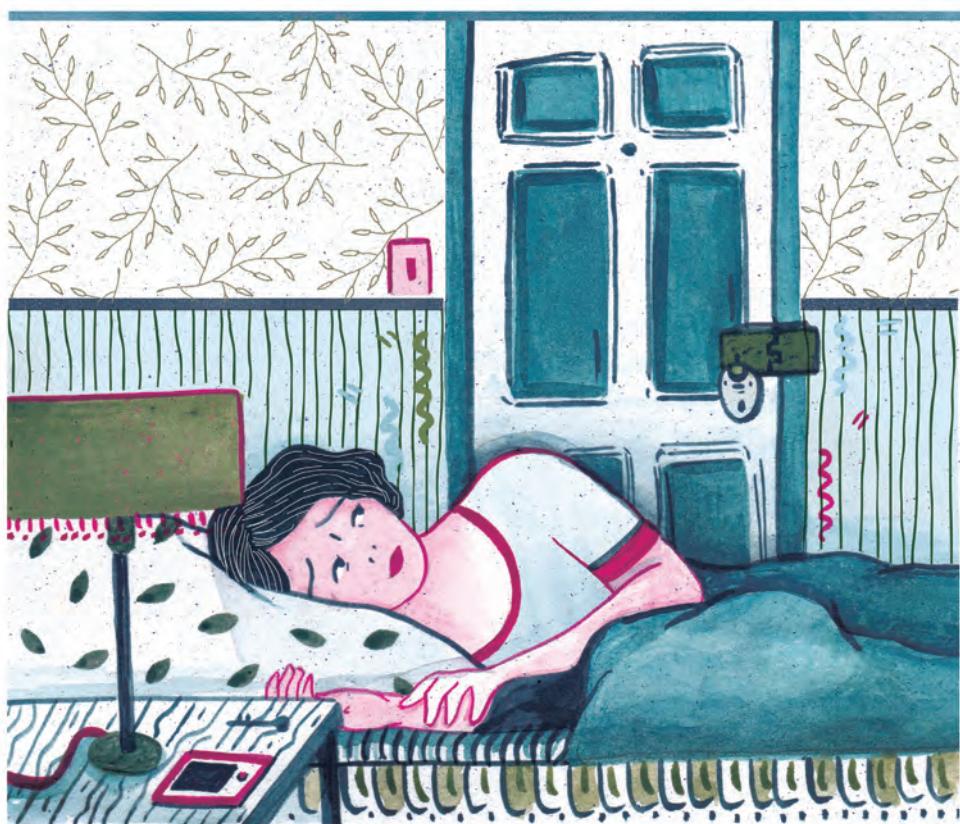
“Serviço de quarto, *madam*.”

Explico que não pedi serviço de quarto e que tem um grupo de homens gritando no corredor. De novo: “Serviço de quarto, *madam*”. Batalha perdida. A ajuda não viria de lugar algum e entre brigar com seja lá quem fosse do lado de lá ou ficar dentro do quarto incomodada pelo barulho, mas protegida pelo portão de ferro trancado com cadeado, prefiro a segunda opção. O que não impede que situações malucas passem pela minha cabeça. Mas e se eles tiverem as chaves? E se eu dormir e alguém abrir a porta? E se esses caras trabalham no hotel e conseguem o cadeado? Movida pelos infinitos “e se”, arrumo minha mochila e me preparam para dormir de roupa.



Deixo os óculos e sapatos prontos para uma fuga rápida. Na minha cabeça, se alguém abrir a porta eu posso tanto quebrar a garrafa de Black Dragon e usá-la como arma de defesa quanto abrir as janelas e pular para o toldo acima da rua, numa jogada totalmente Indiana Jones.

e se eu DORMIR e
alguém ABRIR A PORTA?



O resto da noite passa em cochilos e acordo antes de o sol nascer, com as preces nas caixas de som da mesquita vizinha. Andando rápido pelo corredor vazio, desço direto para o restaurante do térreo. Sei que não vou ver o *sangam*, os três mares ou o memorial do Gandhi de novo, mas o café da manhã hindu com *chai*, *dosas* (panquecas de arroz) e *sambar* (um tipo de cozido de lentilhas) espanta o sono e a irritação da noite anterior.

Na recepção, o gerente da manhã nem levanta a sobrancelha quando conto sobre os intrusos no corredor.

“Certamente estavam procurando alguém e confundiram a porta.”

“Mas seu colega da noite disse que era serviço de quarto.”

“Então era serviço de quarto.”

“Mas porque o serviço de quarto viria em grupo e sem ser chamado às onze da noite?”

A resposta acaba no *head shake* indiano, aquele balançar de cabeça que não é nem sim, nem não, nem talvez e que enlouquece estrangeiros procurando respostas.

Mesmo assim o gerente da manhã é útil o suficiente para me ajudar com informações sobre o trem, me entregando um folheto com informações batidas à máquina. Kanyakumari é o ponto de partida da mais longa linha de trem da Índia, que vai até Assam, no norte, uma viagem de mais de 4 mil quilômetros e oitenta horas. Vou só até Trivandrum, mas serve. O trem sempre parte vazio, é só chegar e comprar passagem na hora. Tinha uma partida na mesma manhã. Peço um táxi, jogo a mochila no banco de trás e na hora do almoço estou no vagão feminino, comendo *samosas* quentinhos que comprei pela janela numa estação cujo nome já esqueci, vendo as montanhas do Western Gaths ao longe.

Suspiro e escrevo no caderno: pegar trem na Índia, *check*.

KANYAKUMARI, ÍNDIA

Turismo religioso

Tamil Nadu, o estado que reparte o extremo sul da Índia com o Kerala, tem uma das cenas de turismo religioso mais impressionantes do país. Mostre respeito. Lembre que a prioridade é dos hindus, que estão ali num momento espiritual. Cubra a cabeça e o corpo com a *dupatta*, faça tudo com a mão direita e, pelo amor de Shiva, não tire fotos das divindades ou das pessoas em prece. Na dúvida, olhe e imite as outras mulheres. Se quiser oferecer um *puja* (oferenda), compre algo nos arredores antes de entrar.

O que vestir

As roupas indianas ajudam você a se misturar e são baratas e confortáveis. Compre alguns *salwar kameez* (conjuntos de vestido e legging), *kurtas* (camisas longas) e *dupattas* (longos tecidos que são úteis para cobrir a cabeça quando for visitar um templo).

Biquínis e maiôs só nas piscinas de hotéis acostumados a receber turistas ocidentais. Mesmo assim, esteja sempre com uma canga fora da água. Nas praias, você verá que as mulheres entram no mar de roupa mesmo, mas é muito difícil ver uma mulher sozinha fazendo isso. Se for impossível resistir a um mergulho, esteja preparada para os olhares na saída.

“

Mas você vai sozinha?

Vão olhar para você. O quanto antes você se acostumar à ideia e não deixar isso estragar sua viagem, melhor. Encarar de volta, aliás, é interpretado como um convite. Se você sentir que um cara está passando da conta, não tenha receio de se posicionar de maneira firme.

Vão falar com você. Os vendedores no mercado irão te perseguir tentando te vender um souvenir. Os motoristas de tuk tuk irão te abordar tentando vender uma corrida. Homens mais folgados, especialmente em grupo, irão mexer com você de forma insistente. Seja firme, aperte o passo e, caso se sinta ameaçada, fale alto e grosso.

Há muitos relatos de acontecimentos ruins com mulheres na Índia. Não quero de jeito nenhum dizer que isso é “normal” por lá, mas essa é uma sociedade em que a mulher está sempre em desvantagem e você, como estrangeira sozinha, tem que ter isso em mente.

Dito isso, algumas das pessoas mais gentis que conheci viajando, conheci na Índia. Se fosse para ficar dentro de um casulo, seria melhor nem sair da sua cidade, certo? O segredo, é sempre lembrar que você não está em casa, mas numa parte do mundo onde os códigos de comportamento são diferentes dos seus. O mundo não é o seu quintal.

”